



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociologia da Educação

Sinop, v. 9, n. 3 (25. ed.), p. 1077-1091, nov./dez. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

SEXUALIDADE E OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO TRABALHO PEDAGÓGICO NO ÂMBITO ESCOLAR: papel do professor como agente da transformação¹

SEXUALITY, CHALLENGES AND PERSPECTIVES OF PEDAGOGICAL WORK IN THE SCHOOL SCOPE: teacher's role as a transformation agent

Monica Machado dos Santos

RESUMO

Este artigo discute a sexualidade, os desafios e perspectiva do trabalho pedagógico no âmbito escolar, isto é, o papel do professor como agente da transformação. Objetivou-se compreender as práticas desenvolvidas pelos professores em sala de aula para trabalhar com sexualidade nos anos finais do ensino fundamental. Por meio de observações na escola e questionário destinados aos professores, foi possível entender que a sexualidade ocupa um espaço muito amplo na vida da criança e jovem. Com as contribuições teórico-metodológicas dos autores Gisele Barreto da Cruz, Jimena Furlani Cesar Aparecido Nunes, concluiu-se que a sexualidade se apresenta como um tabu tanto na prática como nas abordagens pedagógicas.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Trabalho Pedagógico. Papel do Professor. Sexualidade.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **SEXUALIDADE E OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO TRABALHO PEDAGÓGICO NO ÂMBITO ESCOLAR: papel do professor como agente da transformação**, sob a orientação do Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/1.

ABSTRACT²

This article discusses the sexuality, challenges and perspective of pedagogical work in the school context, that is, the teacher's role as an agent of transformation. It aimed to understand the practices developed by teachers in classroom in order to address sexuality in the final years of Elementary School. Through observations in the school and questionnaire for teachers, it was possible to understand that sexuality occupies a very wide space in child and young person's life. With the theoretical and methodological contributions of the authors Gisele Barreto da Cruz and Jimena Lurlani Cesar Aparecido Nunes, it was concluded that sexuality presents itself as a taboo both in practice and in pedagogical approaches.

Keywords: Elementary School. Pedagogical Work. Teacher's role. Sexuality.

Correspondência:

Monica Machado dos Santos. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. monica.ms@hotmail.com

Recebido em: 18 de setembro de 2018.

Aprovado em: 24 de outubro de 2018.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3305/2398>

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho voltou-se para as discussões pedagógicas sobre a sexualidade e quais as concepções dos professores dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino de educação básica do municipal de Sinop Mato Grosso (MT). Interessou-nos compreender como o tema referente a sexualidade é desenvolvida nos processos de ensino e aprendizagem desta instituição. Já que no currículo escolar não é obrigatório trabalhar com esse tema. Educação sexual nada mais é do que uma dimensão da educação geral e das relações que compõem a vida das pessoas. A sexualidade também implica

² Resumo traduzido pela Professora Mestre Betsemens B de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

necessariamente em um conjunto de valores, procedimentos e significados que existem em torno deste assunto.

Sobre tudo, Furlani (2007, p. 04) nos apresenta que:

No Brasil, no âmbito do currículo escolar oficial, a Educação Sexual não é uma disciplina obrigatória, mas sim uma temática a ser transversalizada nos diversos conteúdos, em que o livro paradidático, por exemplo (do qual emprestarei uma única frase para o exercício desconstrutivo pretendido neste artigo), constitui-se num recurso metodológico constante e imprescindível no dia-a-dia da sala de aula. Entretanto, esses livros não são somente integrantes curriculares, eles são também artefatos culturais. Seu texto (verbal e ilustrativo) produz e veicula representações de gênero e de sexualidade. “Ensina” modo (s) de “ser masculino” e de “ser feminino”, formas (ou a forma) de viver as sexualidades. Essas representações têm efeitos de verdade e contribuem para produzir sujeitos. A articulação entre currículo escolar e significados culturais, bem como a problematização relacional de marcadores sociais (sobretudo o gênero e a sexualidade), a partir desses livros, adquire fundamental importância na Educação Sexual que me parece ser a mais produtiva.

Como não se é uma disciplina obrigatória no currículo escolar, a educação sexual geralmente é excluída da aprendizagem cotidiana do aluno, no entanto, existem discussões frequentes sobre a importância de se trabalhar com sexualidade, como ressalta a autora referenciada na citação anterior, educação sexual também é cultural, é uma questão sem dúvida alguma social, tendo em vista o mundo de hoje é mais do que obrigatório a criança sair do ensino fundamental com conhecimentos minimamente básicos sobre sexualidade.

A sexualidade da criança ocorre desde o seu nascimento e amplifica-se junto ao desenvolvimento físico e psicológico. Nas vivências diárias, os pais têm papel fundamental na evolução deste contexto. O que ocorre é que muitas famílias não têm essa percepção, omitindo a assistência necessária para seus filhos.

A pesquisa, que deu origem a este artigo, objetivou em analisar as práticas pedagógicas existentes no processo diante do cotidiano da educação escolar. Das técnicas, valemo-nos de observações nas aulas de campo e também de questionário com perguntas abertas e fechadas aos professores do ensino fundamental da instituição pública, verificar a posição da escola a respeito dessa abordagens e aceitação dos pais e dos próprios alunos.

O que se percebe diante de um contexto atual, é que na escola muito se evita falar sobre sexualidade devido algumas normas e tradição existentes. Em

contrapartida, na sociedade muito se fala, porém pouco se explica de maneira correta uma vez que a mídia sensacionalista, jornais e revistas estão por toda parte.

De acordo com a autora Furlani (2007, p. 03):

O papel que a Escola assume nesse cenário pode ser visto, não apenas como importante, mas como estratégico na medida em que se constitui num local potencialmente explicitador e questionador das complexas formas pelas quais as identidades culturais são construídas, articuladas, experienciadas, transgredidas e re-articuladas no âmbito do social.

De acordo com a concepção da autora, a escola tem papel fundamental na articulação de identidade referente ao currículo escolar, e esses aspectos a serem trabalhados têm contribuído com a teoria proposta, a construção dos sujeitos e na construção da identidade dos educandos, trabalhando com essa temática contribuirá na formação do indivíduo contemporâneo.

Partido dessa realidade, a criança tem acesso a todas essas informações em apenas alguns cliques o que nos remete à reflexão, pois, se a criança não tem uma noção adequada sobre sexualidade, automaticamente estará produzindo conceitos inadequados construídos através de mídias “baratas”, amizades com crianças mais velhas ou com pessoas incapazes de ensinar. O que é inquietante é que nenhum desses exemplos são interessantes para auxiliar na construção do desenvolvimento humano e da formação moral, acadêmica e psicológica da criança.

2 QUESTÕES DA SEXUALIDADE E OS DESAFIOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Toda prática da criança é primeiro vivenciada por ela em algum momento da sua vida, na qual ela vai criando suas próprias percepções de mundo e sociedade. Nosso comportamento cultural reflete diretamente nas próximas gerações, pois um hábito adquirido é facilmente repassado para as próximas pessoas que convivem em um determinado grupo. É válido acrescentar a abordagem de Nunes (1987, p. 13):

Não é uma tarefa muito fácil a abordagem da sexualidade. Pois a riqueza desta dimensão humana e toda a sedimentação de significações que historicamente se acrescentou sobre a mesma acabou engendrando um certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade.

Frequentemente a sexualidade se encontra envolta em um feixe de valores morais, determinados e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa. Daí o seu caráter social explosivo.

Em vista disso, o propósito do desenvolvimento desse trabalho partiu da necessidade de se falar mais sobre esta questão da sexualidade, pois desenvolver algum trabalho para incluir essa discussão não é fácil, porém é necessário. E trabalhar nas escolas, famílias e sociedade é fazer um trabalho em conjunto para que o mesmo tenha êxito. E abordar o tema sexualidade ainda é se enfrentar um tabu nas escolas, pois durante muito tempo não foi falado, justamente por significar um tabu para a sociedade em um contexto geral.

A sexualidade faz parte da vida de qualquer ser humano, e que a mesma pode ser vivenciada de forma diferente de uma pessoa para outra, com isso faz-se necessário refletirmos que devemos abranger a sexualidade de acordo com a concepção de cada indivíduo, e que somente uma pratica não irá sanar as dúvidas e curiosidade de um meio. Partindo dessa ideia, sabemos que a informação á a melhor ferramenta que podemos ter para passarmos aos nossos alunos, é indispensável possibilitar o discernimento sobre o que é real, os cuidados necessários para que os mesmos possuam experiência, adquiram auto - conhecimento e informações adequadas para se tornarem pessoas conscientes e responsáveis, dentro e fora do âmbito escolar.

É pertinente também observar o conceito de sexualidade infantil para que posteriormente não tenhamos tantos casos de abuso sexual, gravidez precoce na infância e adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, e conseqüentemente perda do período da infância e adolescência, problemas psicológicos, entre outras conseqüências que tem origem principalmente pela falta de informação e assistência adequada enquanto crianças e adolescentes.

Entretanto não é possível passar um conhecimento adequado aos nossos alunos na sala de aula se sua realidade em casa for totalmente diferente. Sendo assim o relacionamento com a família e sociedade de grande importância, pois só assim será possível colocar em prática o que os mesmos aprendem em sala de aula.

Na escola, é onde as crianças têm vivencias com outras de sua faixa etária, é onde surge as curiosidades e duvidas perante essas manifestações. E com isso, os adultos precisam estar preparados para com diálogos sanar esses questionamentos.

Infelizmente a sexualidade muitas vezes é esquecida ou encoberta pelos valores dominantes da sociedade e os preconceitos que se colocam sobre ela. E por falta de informações adequadas ou por não encontrarem a melhor maneira de falar sobre. Já na escola geralmente não se fala sobre este assunto por existir tantos tabus que cercam o mesmo. Muitas vezes, os professores até têm uma perspectiva e vontade de auxiliar as crianças falando sobre ou expondo circunstâncias adequadas para a temática. Porém, por outro lado, existem as questões culturais e colocações antiquadas que dificultam essas possibilidades.

3 OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS SOBRE A SEXUALIDADE

A palavra sexualidade abre muitos leques para estudo, pesquisas e descobertas, porém o direcionamento do presente trabalho é falar e desenvolver uma pesquisa exclusivamente sobre sexualidade no âmbito escolar, este que não é um tema simples de se falar, porém é sim de grande relevância diante das grandes facetas existentes na sociedade que estamos vivendo atualmente. Sexualidade como uma abordagem preventiva, para que as dúvidas e curiosidade dos alunos sejam respondidas da forma coerente com sua realidade.

Cruz (2007, p. 197) nos relata que a escola de articulação de vivências, um espaço que exige que o professor seja o mediador de conflitos e ações culturais e sociais. O professor como atuante nas vidas dos alunos por estarem presenciando e participando dessa construção, é extremamente importante que essa relação, professor aluno seja próxima e agradável, pois a partir dessa proximidade o aluno irá ter confiança no professor e juntos poderão fazer um trabalho de muita qualidade.

De acordo com Schindhelm (2011, p. 01). “Sexualidade é uma construção social relacionada ao poder e à regulação e, ainda hoje, tópico polêmico na escola devido à multiplicidade de visões, crenças, tabus, interditos e valores do corpo docente e discente”. Este é um assunto a ser trabalhado aos poucos, pois durante muito tempo evitou-se lidar com essa temática devido há falta de informação ou simplesmente pela falta de interesse, tanto da sociedade, como das famílias, professores e escolas. Nos acontecimentos atuais, é normal a intenção de se trabalhar com um assunto tão peculiar, sobretudo nas escolas que é onde se forma o indivíduo. Segundo aponta Nunes, (1987, p. 27):

No entanto, mais do que nunca se torna necessária uma reflexão sobre a sexualidade humana. Vivemos num ambiente "sexualizado" e os discursos sobre a sexualidade entrelaçam todas as esferas da nossa vida quotidiana; confusos, apelativos, questionantes, mistificadores e enquadradores. Estamos à mercê destes discursos. Os últimos 20 anos provocaram transformações enormes na compreensão e vivência da sexualidade principalmente no Ocidente. Se atentarmos para a sociedade brasileira, veremos que houve muitas transformações com a paulatina implementação da influência dos veículos de comunicação, e dentre estes a televisão, em nosso meio nos últimos anos.

Durante os últimos anos falar sobre a sexualidade se tornou importante, pois há meios de comunicação de fácil acesso e com isso as informações são mais acessíveis. As crianças estão à mercê de muitas ferramentas que trazem facilidades ao nosso dia a dia. Porém, na questão em pauta, podem também não ser o melhor caminho. Devemos sempre estar atentos a isso, pois nem tudo o que passa na televisão, revistas ou internet é um conteúdo correto e o mais adequado.

A sociedade está mudando constantemente e não podemos estacionar no campo das ideias e sim acompanhar as gerações e mudanças que ocorrem para estarmos preparados ao percebê-las, interpretando essas transformações da melhor maneira. Deste modo, a melhor ferramenta para isso ocorrer é obter informações coerentes através da aptidão de sermos sempre questionadores. Conforme abordagens de Nunes (1987, p. 28)

Estas transformações se refletem nos valores, nos comportamentos, na linguagem, no modo de vestir, nas músicas, filmes, formas de relacionamento. O acréscimo das descobertas científicas, os métodos anticoncepcionais ao alcance de todos, a indústria do sexo, a pornografia, tudo isso hoje é inegável que acaba transformando algumas concepções mais tradicionais. Quando alguns círculos sociais se detêm a focar a questão da educação sexual, este é um ponto muito importante a ser considerado.

Todo cuidado é realmente necessário, são muitas possibilidades a disposição, a facilidade de obter informações é enorme. A propaganda sexual é praticamente "banalizada" e existe por toda parte, e com ela surgem as curiosidades. É sempre bom salientar que, temas que nos apresentem uma certa inquietação, geralmente encontra dificuldade de se estabelecer como algo "normal", as pessoas estão acostumadas a gerir uma sociedade sem muitos questionamentos. Essa é uma das

dificuldades encontradas. É válido acrescentar a colocação do autor Nunes, (1987, p. 14):

A questão da educação sexual é sempre muito polêmica. Recentemente ela voltou no bojo das questões sobre planejamento familiar e/ou controle de natalidade. Não é, todavia, uma abordagem nova. Pois a educação sexual, no seu sentido mais profundo, não é uma mera questão técnica, mas sim uma questão social, estrutural, histórica. Todos nós enquanto sujeitos constituídos socialmente estamos submetidos a um processo de enquadramento sexual que é determinado, em última instância, com as estruturas sociais.

Sexualidade é de fato um assunto importante de se trabalhar, mas a atualidade exige que saibamos como falar, se preparando para isso. Como educadores devemos capacitar os alunos para viver na sociedade de uma forma abrangente. Assim nos aponta Schindhelm (2011, p. 02), “No terreno de lutas de poder desveladas nos cotidianos escolares, os educadores aparecem como responsáveis por mudanças ou estagnações, na medida em que participam da construção individual e social da identidade e dos saberes das crianças”.

Quando falamos de sexualidade, o receio, a vergonha, a falta de informação e a insegurança permeiam o assunto dificultando o diálogo necessário, principalmente quando se trata de nossos filhos.

Este assunto é de fato muito importante ao se trabalhar com crianças, pois a educação infantil abrange várias temáticas e diversos conhecimentos e é nessa fase que a criança está propícia a aprender, pois apresenta uma percepção diferenciada de mundo. Assim, a informação oferecida deve ser a mais adequada possível para a construção do caráter do indivíduo.

4 SEXUALIDADE: tabu ou aprendizagem na escola?

O artigo foi realizado através de pesquisa qualitativa, bibliográfica, pesquisa de campo, para levantamento de dados e observações em sala de aula.

No processo de construção da sexualidade é fundamental apreender as relações que se traduzem em seus diversos espaços. Dentre eles, é inevitável mergulhar sobre as concepções que são mobilizadas na escola. A escola é considerada mais que uma instituição de ensino e aprendizagem, ela se traduz

como a responsável por criar um conjunto de práticas e concepções que são mobilizadas na sociedade. Disso a sexualidade, devido a sua complexidade em discutir sobre e as relações que a envolve, partimos para uma ação de extrair o movimento entre a concepção e o que elementos deste conteúdo representa vislumbrar essa complexidade de suas facetas.

Os dados abaixo apresentados foram coletados por meio de questionários com perguntas abertas e fechadas aos professores do quarto e quinto ano da Escola Municipal Sadao Watanabe.

No total foram quatro professores(as) que se dispuseram a responder o questionário, os mesmos que serão identificados como Professor A, B, C e D durante as suas respostas no contexto do artigo Disso, obtivemos as seguintes informações: dos quatro professores(as) que responderam, trata-se de dois professores e duas professoras, um dos professores do sexo masculino apresenta idade entre 30 a 40 anos de idade e o outro de 40 a 50 anos de idade, e as mulheres da mesma forma, respectivamente.

Do campo de pesquisa, nos deparamos com o movimento entre a escola, seu papel e as concepções que mobilizam sobre a sexualidade. Essa situação se sublinha em dois testemunhos de nossas colaboradoras de pesquisa, como está abaixo:

(01) Professor A: Pouco, a sociedade não encara de boa fé, o profissional tem que tomar muito cuidado.

(02) Professora B: Sim, quando tínhamos sétimo e oitavo series, trabalhava em um bimestre, separava os meninos e as meninas e conversava sobre sexualidade individualmente.

As narrativas acima apresentam os desafios pelos quais os professores vivem: entre ter de ensinar questões sobre a sexualidade como conteúdo de aprendizagem ao mesmo tempo em que devem se ocupar de reproduzir os padrões aceitáveis sobre a sexualidade que atuam fortemente no espaço da escola

No questionamento sobre como o assunto é abordado em sala, nota-se uma fragmentação desta temática. Segundo o Professor A, fala-se a respeito de cuidados

com o corpo, higiene entre outras e não sobre a sexualidade da criança e a sua importância para o seu desenvolvimento.

(03) Professor A: Não, tratamos o reconhecimento do sexo, higiene, cuidados, emocional e sociabilidade

Conforme a constatação dos próprios professores sobre a reação e comportamento dos pais diante desse assunto, obtivemos os seguintes relatos:

(04) Professor A: Alguns são abertos ao diálogo, mas a maioria tem alguns preconceitos, a TV pode, o profissional não.

(05) Professor B: Particularmente tive duas situações, a primeira os pais mais esclarecidos que já haviam instruídos os seus filhos, e os pais que tinham mais vergonha e não conversaram com os filhos, que foi mais tensa a conversa.

(06) Professor C: Penso que ainda há um certo preconceito ou “restrição” sobre a abordagem deste assunto, tanto em casa como no ambiente escolar.

(7) Professor D: De grande importância, pena que não condizerem de maneira adequada, na maioria dos casos não existem diálogos.

Considerando um trecho da resposta do professor A “a TV pode, o profissional não”, nos remete a discussões anteriores, o que o aluno não aprende em casa, ou na escola de maneira correta, o mesmo irá aprender em outros ambientes e inclusive na TV, internet entre outros.

Esses impedimentos tornam os filhos prisioneiros de uma sociedade tradicionalista e conservadora e tal cenário não traz um leque de conhecimentos relevantes diante de um assunto tão importante e ainda tão cheio de tabus e restrições.

Por se tratar de um tema transversal, a educação sexual exige que o professor tenha sensibilidade de perceber a melhor forma de integrar este assunto

em seu planejamento. Segundo os relatos, conferimos algumas maneiras de abordar essas questões em sala utilizadas por eles:

(08) Professor A: Experiência cotidianas, experiências vividas, trato emocional.

(09) Professor B: Eu trabalhava com foco de conhecer o corpo.

(10) Professor C: Naturalmente, sem preconceitos, de maneira simples e objetiva.

(11) Professor D: Início com bate papo para saber qual o conhecimento

Percebe-se que a sexualidade infantil não é algo distante da nossa realidade. Ao serem indagados sobre o distanciamento do tema e a realidade vivenciada pelas crianças, os professores nos apontam que:

(12) Professor B: Não, pelo contrário.

(13) Professor C: Não, a sexualidade já está presente desde a gestação, nascimento.

Afirmam ainda que tratar dessa temática em sala pode trazer melhorias como o respeito mútuo, autoconhecimento, sociabilidade, formando alunos mais preparados.

(13) Professor A: Respeito mútuo, autoconhecimento, sociabilidade.

(14) Professor B: Percebo que quando o aluno tem o conhecimento e são esclarecidos não há tantas conversas, ti-ti-ti, fofocas e malícias sobre o assunto.

(15) Professor C: Compreensão sobre corpo, respeito às diferenças.

(16) Professor D: Alunos mais preparados e diminuição de confusões geradas por piadas e brincadeiras por eles.

É visto que quando o professor decide trabalhar essa questão, de uma forma ou de outra, haverá impacto na sociedade, gerando dissociação entre os envolvidos, tendo aqueles que aprovam e percebem a importância bem como alguns que reprovam sentindo-se incomodados. Nesse sentido dos entrevistados, opinam sobre quais seriam esses impactos:

(17) Professor A: Se ela estiver com preconceito antiquados, sem se preocupar-se com a evolução do saber e do equilíbrio humano.

(18) Professor B: Se fosse bem aceito pelas famílias e conversadas com os filhos e trabalhada na escola com abordagem + pedagógicas, acredito que teríamos menos casos de abuso.

(19) Professor C: Sim, principalmente no que diz respeito à religião.

(20) Professor D: Sim, futuros adultos mais sensatos.

Os impactos citados geram mudanças nos pensamentos de todos os que compõem o meio social em questão: pais, alunos e professores. Deste modo, nos deparamos com o questionamento no que diz respeito às influências que as abordagens deste tema podem causar na formação da criança:

(21) Professor C: Não diria influenciador, mas esclarecedor.

(22) Professor D: Depende da maneira a ser aplicada.

Por fim, diante de todos os questionamentos que compuseram a pesquisa, os professores se depararam com reflexões pertinentes a realidade que vivenciam em suas práticas educativas:

(23) Professor A: Sempre trabalhar esse tema com a direção defensiva conhecendo a comunidade e sua realidade.

(24) Professor B: Gostaria que esse assunto fosse mais trabalhado nas escolas e nas famílias para que não tivessem tantos casos de abusos como têm hoje em dia.

Diante de todo processo de construção e desenvolvimento dessa pesquisa, nos deparamos com inúmeras complexidades em volta dessa temática, que envolve muitos aspectos condicionados as questões abordadas anteriormente, que se referem às diversas facetas e instrumentos que são abordadas de forma compreensível e metodológicas, diante da dificuldade encontrada para se descrever tais vivências e abordagens realizadas em um contexto escolar perante aos questionamentos realizados para se desvendar métodos e multiplicidades de ações que são ou deveriam ser trabalhadas para um melhor desenvolvimento na educação das crianças, que contribuem para que suas vivências sejam encaradas com naturalidade que essa temática nos aborda.

A escola e professores que contribuíram para realização desta pesquisa, possuem se não ações, possibilidades e perspectivas para se desenvolverem com uma frequência maior na didática escolar, na maioria das vezes podemos observar através dos questionários respondidos e relatos, uma certa abertura em se discutir sobre a importância de se desenvolver juntamente com a família e alunos, caminhos para melhor promover ações que contribuem para o desenvolvimento de se trabalhar esse tema tão inerente a construção do aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das pesquisas, as informações coletadas sobre a sexualidade carregam sua dimensão histórica. Até porque a sexualidade não é algo novo, ela compõe a ser da humanidade. As relações de aprendizagem sobre a sexualidade estão implicadas por ainda se instituir como um tabu.

Vivemos em uma sociedade, que gravidez na adolescência é normal, onde o abuso sexual não assusta tanto, onde tem tantas pessoas doentes. Sendo que boa parte desses “males”, poderiam ser evitados, através da informação, através de uma educação de qualidade onde essas pautas seriam necessárias. Não se pode culpar ninguém, seria injusto, mas pode-se culpar uma tradição, uma cultura. Tem-se que

desafiar o tabu que permeia a sociedade. E a escola é o espaço de desafios. Por outro, lado também replica as relações de tabus que movimentam compreensão sobre sexualidade na sociedade.

O propósito foi saber se é trabalhado sobre sexualidade na escola, quais as práticas dos professores, e quais suas ações para que isso ocorra, além de outras circunstâncias citadas durante o trabalho. Na escola da realização da pesquisa, podemos observar que a maioria dos professores indagados sobre essas questões são abertos ao diálogo, alguns inclusive fala de suas práticas e quais as maneiras que abordam essas questões em sala de aula com seus alunos. Achem válido trabalhar com sexualidade, além de válido necessário perante a tantos fatos acontecendo na sociedade.

A maioria ressalta sobre a necessidade de tratar sobre a temática, não existe uma regra e nem disciplina específica para se desenvolver esta temática, que, às vezes, encontram certa dificuldade com as famílias das crianças referente a este tema.

Faz-se necessário estas abordagens para que tenhamos uma sociedade que superar os desafios que cerceiam a própria compreensão do que é ser criança, inclusive sobre sua sexualidade, potencializando a condição da construção de referências para práticas de humanização.

Que sexualidade deixe de ser um tabu, nas escolas, famílias e sociedade e seja uma discussão inerente nessa construção. Que faça parte da educação da criança através de dialogicidade aberto sobre um tema tão importante e emergencial. Que o diálogo prevaleça e que possamos colocar em prática todo conhecimento para um melhor desempenho diante da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

ABRADES - Associação Brasileira para a educação Sexual. César Nunes. **Ética, Sexualidade e Educação**. 27 fev. 2011. Disponível em: <<http://educacaosexualabrades.blogspot.com.br/2011/02/>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CRUZ, Giseli Barreto da. A prática docente no contexto da sala de aula frente às reformas curriculares. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 29, p. 191-205, 2007. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000100013>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, n. 46, p. 269-285, dez. 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jul. 2018.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1987

PROFESSOR A. **Professor A**: questionário. 2 f. [04 abr. 2018]. Pesquisadora Monica Ribeiro dos Santos. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a sexualidade infantil em Sinop (MT).

PROFESSOR B. **Professor B**: questionário. 2 f. [04 abr. 2018]. Pesquisadora Monica Ribeiro dos Santos. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a sexualidade infantil em Sinop (MT).

PROFESSOR C. **Professor C**: questionário. 2 f. [04 abr. 2018]. Pesquisadora Monica Ribeiro dos Santos. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a sexualidade infantil em Sinop (MT).

PROFESSOR D. **Professor D**: questionário. 2 f. [04 abr. 2018]. Pesquisadora Monica Ribeiro dos Santos. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a sexualidade infantil em Sinop (MT).

SCHINDHELM, Virginia Georg. A Sexualidade Na Educação Infantil. **Rev. Aleph**, Niterói, ano 5, v. 16, 2011, p. 01-17. Disponível em:

<<http://www.uff.br/revistaleph/pdf/art9.pdf>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Professora Cristinne Leus Tomé que com seu comprometimento e orientações foi possível a realização desse artigo; ao meu orientador Professor Marion Machado Cunha que no período da pesquisa de TCC se fez presente com auxílio necessário; aos meus colegas de sala que participaram ativamente da construção do meu artigo; agradeço à todos os professores do curso por todo comprometimento e valiosos ensinamentos que contribuíram imensamente com a construção do meu aprendizado que levarei para vida toda.